

VENDE-SE EL MITO DE CHE POR U.S. DOLLARS ONLY

E o mito da Revolução Cubana
virou produto do capitalismo

ANA PAULA VERLY, CLÁUDIA PINHEIRO E VIVIAN MANNHEIMER

"Querido Che,

Passaram-se trinta anos que a CIA te assassinou nas selvas da Bolívia, a 8 de outubro de 1967. Tu tinhas, então, 39 anos de idade. Pensavam teus algozes que ao cravar balas em teu corpo, após te capturarem vivo, condenariam tua memória ao olvido. Ignoravam que, ao contrário dos egoístas, os altruístas jamais morrem. Sonhos libertários não se confinam em gaiolas como pássaros domesticados. A estrela de tua boina brilha mais forte, a força dos teus olhos guia gerações nas verdades da justiça, teu semblante sereno e firme inspira confiança nos que combatem por liberdade. Teu espírito transcende as fronteiras da Argentina, de Cuba e da Bolívia e, chama ardente, ainda hoje inflama o coração de muitos revolucionários". (Frei Betto em 'carta aberta a Ernesto Che Guevara' - Caros Amigos Especial Guevara, outubro de 2000)

Até o fim da vida, Guevara lutou como um tigre indomável contra o imperialismo. Este parecia ser seu único inimigo, contra o qual sempre esteve disposto a lutar onde quer que fosse. Mas neste imenso circo, Che era apenas um. E por mais feroz que fosse o tigre, os domadores conseguiram domá-lo, mesmo que para isso tivessem tido que matá-lo, para então transformar seus fortes urros que ecoam por mais de trinta anos em um tango romântico, mais agradável aos ouvidos de alguns.

Percebemos isso ao nos depararmos com a imagem de Che Guevara sendo usada para vender produtos. Sua foto está estampada como tatuagens em corpos famosos: Maradona carrega a imagem de Che estampada no braço,

Tornou-se símbolo de torcida de futebol: a Máfia Azul, do Cruzeiro de Minas Gerais, usa a imagem de Che em suas bandeiras. O grupo de rock Rage Against the Machine (em português: fúria contra o sistema) a utiliza para vender sua música. O governo de Cuba (pasmem!) compra relógios Swatch da Revolução com a imagem de Guevara, não para confiscá-los mas para revendê-los aos turistas. E o mais absurdo: é usada, até mesmo, para vender vodka Smirnoff - e Che Guevara nem bebia. Afinal de contas, o circo tem que cativar a platéia. Ou domá-la?

**A resposta do sistema
capitalista é seduzir as
pessoas transformando os
símbolos de contestação
em símbolos de
conformismo.**

**E isso também vale
para o Che.**

JOSÉ CARLOS RODRIGUES

A imagem da célebre foto (ver box) vem sendo usada em pôsteres e camisas para promover as idéias de Che Guevara por muitos anos. Alberto Korda (autor da foto) e o governo cubano nunca se incomodaram com isso. Mas existe uma contradição: nos últimos anos, Cuba vem comercializando a imagem de Che de forma diferente e inusitada, levando-se em conta a personalidade e o país em questão. Ultimamente vende-se desde isqueiros até toalhas de praia com a imagem de Che produzidos pela indústria turística de Cuba. Mas o governo cubano alega que ven-

der Che em casa é diferente.

O próprio governo cubano contribui para acirrar essas contradições. Mesmo promovendo Guevara como um santo a ser imaculado, o governo de Cuba parece ignorar e abandonar muitos princípios que para Che eram sagrados. São ironias encontradas em lugares para visitação turística em Cuba, nos quais vende-se desde Coca-Cola até tênis Adidas, passando por memórias e lembranças com a imagem de Che - tudo isso por *U.S. dollars only*.

Acontece que o circo não segue regras; faz suas próprias leis. Utilizar a imagem de Che para vender álcool é desrespeitoso, transformar tudo o que representou em algo totalmente banal é deprimente. E acima de tudo, totalmente sem nexos. A maioria dos produtos vendidos nada tem a ver com seus ideais.

A força do mito

Que Che Guevara se tornou um mito além-fronteiras e gerações ninguém duvida, mas o porquê deste fato ainda intriga muita gente. O que será que este personagem tem de tão magnífico, que transcende até mesmo sua causa nobre e personalidade singular? Culpar apenas o capitalismo, e o seu avassalador poder de banalização das críticas, torna-se uma solução fácil. Mas temos que levar em consideração os traços que permeiam a sociedade e a torna vulnerável à incorporação do mito e sua conseqüente superexposição.

O antropólogo José Carlos Rodrigues é autor do artigo "O rei e o rito", um ensaio sobre o mito Pelé e o significado dos símbolos que envolve-



A imagem usada na nota de três pesos: o que não deixa de ser uma contradição.

ram a despedida do jogador da seleção brasileira. Em seu estudo, Rodrigues traça o perfil da sociedade brasileira e destrincha códigos e símbolos que ajudaram a permitir a transformação do atleta em "rei". Mas qual a relação direta entre os mitos de Pelé e Che Guevara? Ambos desempenham atividades diferentes; se originam de opostas realidades sociais; nasceram em países e "universos" diferentes; e mexem com aspectos distintos do imaginário da população. Mas o poder magnético causado pelos dois mitos é de grande relevância não só para as sociedades que os produziram. As duas figuras tomaram dimensões mundiais e a adoração por parte das pessoas chega a ser intuitiva.

Através de uma análise um pouco mais profunda é possível dissolver o aparente acaso do surgimento de um mito e o seu motivo mais óbvio, o valor atribuído apenas aos feitos do objeto mitificado. É necessário que se leve em conta a sociedade em que o mito está inserido e os códigos e símbolos escondidos atrás das figuras adoradas.

Para melhor ilustrar sua argumentação, neste mesmo artigo, o antropólogo descreve um ritual praticado por algumas comunidades de descendentes indígenas, habitantes das montanhas andinas, que consiste em colocar uma águia para lutar com um touro. A águia, simbolizando os indígenas, é amarrada no dorso do touro, que representa o colonizador espanhol. Claro que estas associações estão no inconsciente das pessoas. A águia termina bicando o touro até a morte. Durante o ritual, os espectadores intervêm para que a águia

sempre esteja em vantagem. Como analisa José Carlos Rodrigues, os ritos, assim como os mitos, são uma tentativa simbólica de solucionar as questões que a "vida social" não permite.

O mito de Che Guevara e a sua imagem romantizada se encaixam perfeitamente nesta lógica. Que jovem não sonha em contestar a ordem estabelecida, negar o que lhe foi imposto e se lançar em uma aventura com o objetivo de mudar o mundo? A maioria esmagadora das pessoas, mesmo que nutra algum desejo revolucionário, não irá abandonar suas vidas confortáveis para abraçar uma causa às últimas consequências. Logo, estas vêem no célebre pôster de Che Guevara a imagem do que gostariam de ter sido mas nunca conseguiram (ou até mesmo nunca tentaram); porque o fato de adorarem este mito lhes retira parte da responsabilidade pela inércia da vida. E justamente por esta única pessoa ter tido a coragem e materializado o sonho de milhares, virou o mito das massas heterogêneas. E nem sempre, ou melhor, quase nunca, os adoradores são fiéis à ideologia de seu adorado e acabam modificando o verdadeiro sentido da sua mensagem.

É evidente que todos os adjetivos e até mesmo os substantivos utilizados para definir o personagem, suas características e sua luta, são totalmente idealizados. E neste momento a personalidade Che Guevara se divide em dois, e o guerrilheiro se distancia do romântico.

O primeiro é o Che real, o homem que pegou em armas, matou muita gente e que passou meses na selva,

sujo, fedorento, com fome, frio e asma. O segundo é o Che romântico, o mito com cabelos desgrenhados e ar desafiador; este é o que todos querem estampados em camisetas ou pregado nas paredes de casa.

De uma maneira geral, os mitos são criados a partir de trajetórias incomuns desejadas pela maioria. Se novamente utilizarmos um trecho do artigo acima mencionado, podemos observar que "se faz condensada a passagem da pobreza à riqueza, do anonimato à fama, da humildade à glória". No caso de Che Guevara, o caminho inverso percorrido também tem a sua força, o que faz com que as pessoas vejam com simpatia o feito do mito.

Nascido e criado em família de classe média; médico formado que se solidarizou com o sofrimento humano, deixando para trás um futuro promissor e confortável para levar a guerrilha aos confins da América Latina. Este resumo romântico, beirando o clichê, poderia perfeitamente ser um enredo de qualquer novela mexicana. O motivo desta semelhança está justamente no fato deste 'destino' possuir um lugar cativo no imaginário e desejo das pessoas, levando-se em consideração principalmente traços marcantes da sociedade latina.

Outro fato que ajudou a fortalecer sua figura está relacionado com a sua morte. Talvez se Che estivesse vivo até hoje, não teria se tornado um símbolo tão bonito, como acontece por exemplo com seu companheiro Fidel Castro. Che morreu jovem aos 39 anos, no meio da luta, e não há nada mais mitificante do que um potencial interrompido em seu auge. O escritor mexicano Jorge G. Castañeda, autor da biografia *Che Guevara, a vida em vermelho*, em sua obra atribui aos exterminadores de Che um pouco da responsabilidade pela imortalidade do assassinado: "O exército boliviano cometeu o único erro da campanha depois de consumada a captura de seu máximo troféu de guerra. Transformou o revolucionário resignado e encurralado, o indigente da quebrada Del Yuro, vencido por todos os preceitos da lei, envolto em trapos, com o rosto sombreado pela fúria e a derrota, na imagem de Cristo da vida que su-

cede à morte. Seus verdugos deram feição, corpo e alma ao mito que percorreria o mundo”.

Além da morte, sua vida também desperta singularidades. Era um homem contraditório, que despertava a simpatia das pessoas. Apesar de necessitar de grande firmeza, não perdia a ternura. E somando-se a todos estes argumentos – um charme natural, o qual o seu sucesso com as mulheres não nega – não poderiam haver melhores motivos para o seu tamanho fascínio.

O homem em seu tempo

“Ernesto Guevara conquistou seu direito de cidadania no imaginário social de toda uma geração por muitos motivos, mas antes de mais nada pelo encontro místico de um homem com a sua própria época. Nos anos 60 repletos de cólera e doçura, outra pessoa teria deixado um leve rastro; o mesmo Che em outra época, menos turbulenta, idealista e paradigmática, teria passado em branco” (Jorge G. Castañeda - *Che Guevara, a vida em vermelho*).

O homem viveu em um tempo e, se analisado dentro da conjuntura da contracultura, percebe-se que mito-circunstância são indissociáveis, apesar do conceito citado estar mais ligado diretamente aos Estados Unidos que à América Latina. A utopia vivida nos anos 60

teve dois lados: um lado pacifista, voltado para a natureza, para a música, para a vida em comunidade e que mostrava uma aparente omissão diante da luta política; e outro lado explicitamente político e engajado – certamente o lado onde Che pode ser encaixado.

Como todo jovem engajado nos anos 60, Che também buscava novas opções para o sistema vigente, e mostrava isso através de suas atitudes radicais, de idéias revolucionárias e do desdém com relação ao poder. Queria criar um mundo onde não houvesse injustiças sociais e que a igualdade fosse possível para todos. O que se estava querendo conquistar era a abertura de novos espaços de contestação política e de luta. Este era o fator que tanto fascinava a juventude da época e que permitia uma identificação tão forte com um acontecimento tão afastado do cotidiano da maioria, aquilo que tornava Che Guevara tão popular entre os jovens. A burguesia, ao invés de manter seu inimigo afastado, o encontra dentro de casa, na figura de seus filhos cabeludos e mal vestidos.

De fato, Che faz parte da primeira geração que amadurece no pós-guerra contestando os valores de pais, avós e muito do que estava acontecendo no mundo. “Esses jovens questionavam valores políticos e mostravam isso atra-



A foto de Che utilizada em um pôster pelo grupo de rock Rage Against the Machine. Bombtrack, em português bomb: bomba e track: trilha, conduta, pegada.

vés da indumentária, conduta sexual, família, trabalho, higiene. Enfim, o fenômeno geral é a contestação da cultura e isso manifesta-se de várias formas e expressa o mal-estar causado pelo que foi conquistado até então”, diz José Carlos Rodrigues.

Naquele momento histórico em particular, a luta revolucionária guerrilheira era avaliada pelo próprio Che

A CÉLEBRE FOTO DE GUEVARA

Che era avesso a fotografias. Chegou até a negociar com fotógrafos para permitir que tirassem fotos suas. Certa vez, Alberto Korda teve que trabalhar uma semana cortando cana com o povo para conseguir uma foto apenas do líder revolucionário.

Não foi assim com a fotografia mais famosa de Che.

“Eu estou percorrendo com a câmera, uma Laika 90 milímetros, um a um dos participantes para poder aproximar os personagens, e de repente dou com um espaço vazio na tribuna (...), e vem o Che, do segundo plano para a frente da tribuna e olha a multidão que se encontrava na rua. Quando paro a câmera e tenho uma visão da lente de 90 milímetros, vejo o Che mais perto, e tinha essa expressão que me impressionou muito. Quando vejo no visor, o Che está assim, como se me enxergasse. Tiro a primeira foto, volto o filme (a câmera era manual), percebo que a expressão é boa e que aí tenho um retrato. Viro a câmera na vertical e tiro um segundo negativo, estou voltando o filme, quando olho de novo, o Che já não está. Quarenta e cinco segundos entre as duas fotos”, conta Alberto Korda autor da mais famosa e mais reproduzida foto de Che Guevara, sobre o momento da fotografia.

A fotografia célebre foi tirada em março de 1960, quando Fidel Castro fez um discurso lúnebre pelos 136 mortos por um artefato explosivo que detonou quando um navio francês, carregado de armas, descarregava em Havana. Para esse discurso foi improvisada uma tribuna a 200 metros da entrada do cemitério de Cólón, em Havana. Nessa tribuna, que cobria lado a lado a rua, de uma calçada a outra, estavam todas as personalidades do

governo, mas não era possível ver Che porque estava na sua parte de trás. A Tribuna era alta e Korda fotografava de baixo para cima.

Quando Korda levou as fotos para o jornal à noite, o editor não escolheu a foto, que ficou arquivada no jornal. Um dia saiu um anúncio no jornal (do governo) com a famosa foto avisando que o Dr. Ernesto Guevara, ministro da Indústria, participaria de um programa de televisão na Universidad del Aire.

A foto passou a percorrer o mundo por causa do italiano Feltrinelli, dono de uma editora em Milão. Um dia o italiano esteve no estúdio de Korda com uma carta do governo cubano, a fim de conseguir uma foto de Che. Korda deu aquela que nunca tinha sido usada. Dez ou quinze dias depois do assassinato na Bolívia, o italiano fez um pôster de 70 centímetros por um metro e colocou copyright Editora Feltrinelli. O pôster vendeu horrores, e a foto ficou famosa na Europa antes mesmo de chegar a Cuba. E o mundo só tomou conhecimento do verdadeiro autor quando Korda encontrou no México Juliana Chime, editora da revista fotográfica *El Progreso Fotográfico*, e entregou a ela um contato do negativo. Esta revista publicou um artigo de quatro páginas sobre a verdadeira história da foto de Che Guevara.

Korda é um fotógrafo que antes da revolução, quando se tornou fotógrafo oficial de Fidel Castro, fotografava para anúncios para revistas. Depois fundou o Departamento de Fotografia Científica Submarina da Academia de Ciência de Cuba, onde ficou por doze anos. Em 1982, voltou a fazer fotos para revistas e anúncios. Hoje, vive em Havana e viaja pelo mundo fazendo exposições e vendendo suas reproduções.

"A tua luta é o caminho da nossa vida". Com esta frase, impressa até hoje na parede de uma lavanderia da cidade de Vallegrande na Bolívia, onde o guerrilheiro foi levado depois de morto, os habitantes do lugarejo se despediram de Che.

No dia 8 de outubro de 1967, após oito meses de guerrilha na selva boliviana, estava chegando ao fim a trajetória de Ernesto Guevara de La Serna. As condições enfrentadas por Che e os outros combatentes eram as piores possíveis. A munição era escassa, muitos companheiros estavam morrendo, os camponeses não apoiavam a guerrilha e Guevara, que sofria de fortes crises de asma, estava bastante debilitado. Finalmente o exército boliviano, ajudado pela CIA, tinha dado um grande passo para a tentativa de derrotar a luta pelo socialismo. Che foi levado para uma escola do vilarejo de Vallegrande, e executado no dia seguinte.

Ernesto Guevara de La Serna nas-

ceu no dia 14 de julho de 1928 em Rosário, Argentina. Aos dois anos teve a sua primeira crise de asma. A doença teve um papel importante na vida do menino. Como eventualmente tinha que ficar de cama, começou a se interessar por literatura. Apesar de ter nascido em uma família de origem aristocrática, tinha em casa um ambiente politizado, onde as idéias socialistas se faziam presentes.

Em 1946, começa a estudar medicina. Na universidade não era ativo politicamente e nunca participou de um movimento estudantil, mas tinha gosto por aventuras. Durante o período em que era estudante fez duas longas viagens pela América do Sul. Nesta época, desenvolveu o hábito de escrever diários, o que o acompanhou até os últimos dias da guerrilha na Bolívia. Após concluir o curso de medicina, novamente vai viajar e nunca mais volta para a Argentina. É na Guatemala que tem o seu primeiro contato com cubanos exilados. Lá conhece a sua primeira mulher, a peruana Hilda Galdea,

uma militante política com quem tem quatro filhos. Nove meses depois, Guevara vai para o México, onde recebe o apelido de Che por chamar os outros desta forma. Lá conhece Raúl Castro, irmão de Fidel, a quem seria apresentado logo depois. No México participa de um treinamento de guerrilha para a preparação do golpe que derrubaria Fulgêncio Batista e implantaria o socialismo na ilha, o que aconteceu em 1955. Che Guevara ocupou altos cargos no governo revolucionário presidido por Fidel. Mas em 1964 os dois tomaram rumos diferentes. Enquanto Fidel permaneceu administrando Cuba, Che Guevara se lançou na guerrilha para internacionalizar a revolução. Sua primeira parada foi o Congo, onde permaneceu por um ano. Em 1966 embarcou para a Bolívia, de onde só sairia morto, com o objetivo de iniciar uma guerrilha que se expandiria para a Argentina, Peru, Brasil e implantaria o socialismo na América Latina.



Che figura na bandeira da Máfia Azul, torcida do Cruzeiro, clube de futebol de Minas Gerais.

como a forma certa de ação para a libertação da América Latina. Essa luta significava a primeira tentativa de internacionalização dos melhores frutos e esperanças da Revolução Cubana que, naquela época, era vista como a grande experiência de implantação do socialismo na América Latina.

É o empenho pessoal de Guevara neste processo era total, como demonstram as palavras de Fidel Castro: "para Che, o comando militar e político da guerrilha devia estar unificado e (...) a luta só podia ser dirigida da guerrilha e não de cômodos e burocráticos escritórios urbanos". Era exatamente este seu enorme envolvimento pessoal numa luta de libertação verdadeiramente sem fronteiras que fazia dele herói como

poucos. Criou-se, assim, uma aura romântica em torno de Che, embora sua experiência na Bolívia houvesse terminado tragicamente.

Che é um símbolo de contestação, o que é bastante coerente porque contestava o sistema capitalista. De acordo com José Carlos Rodrigues, "a resposta do sistema capitalista é seduzir as pessoas transformando os símbolos de contestação em símbolos de conformismo. Tudo que foi contestado naquela época foi transformado em mercadoria." Isso aconteceu não só com a figura de Che, mas com o *rock*, com as drogas e com a indumentária *hippie* (hoje, *hippie chic*), só para citar alguns exemplos. Já Orlando Borrego, amigo e confidente de Che nos primeiros anos da Revolução, acha que "num mundo engolido pela ferocidade do consumismo e competição, alguns elementos da humanidade continuam procurando por um herói com valores."

Trinta anos após sua morte, Che já era considerado um ícone pop mundial. Sem dúvidas, era uma figura mítica. Depois de sua morte surgiram centenas de diferentes versões sobre o que teria acontecido com seu corpo antes de o terem encontrado. Até mesmo a mão do guerrilheiro (que foi amputada antes de darem sumiço em seu corpo) está no Museu da Revolução em Cuba. O ani-

versário de 30 anos de sua morte – leia-se: a morte de um revolucionário socialista – foi comemorada pelo nosso sistema como jamais se viu. Che foi homenageado de forma típica pelo nosso sistema: com uma avalanche de filmes, documentários e livros – produtos para serem vendidos.

É exatamente isso que soa mais absurdo: a venda de produtos com a imagem de Che. Ele, que sempre lutou contra o imperialismo e a sociedade de consumo, é engolido (já que não é aceito) como se sempre tivesse sido aceito por esta e nos é devolvido como um soluço, em forma de produto que vende uma ilusória rebeldia. Uma personalidade tão forte que o sistema capitalista jamais poderia aceitar. Por isso, de revolucionário passou a rebelde. Seus ideais já não mais são lembrados e sua invejável coerência apagada da história.

É desta forma que o sistema capitalista mostra o seu lado mais macabro e esquizofrênico. Não satisfeito em apenas descobrir uma maneira de neutralizar oposições, o sistema passa a usá-las a seu favor. Vivemos uma releitura míope do que foi vivido nos anos 60. Os jovens de hoje não têm uma idéia definida sobre quem foi Che Guevara. A alienação dos jovens, que tanto preocupava Che, é um problema sério nos dias de hoje. Para eles, Che é um símbolo de rebeldia e nada mais.